



MEMÓRIAS DE EDUCADORAS: INFÂNCIAS E FAMÍLIAS NAS NARRATIVAS ESCRITAS

HOLZ, Elisa Silva¹; MEDEIROS, Ms. Rita de Cássia Tavares²;

¹ Grupo de Pesquisa Cultura, Infância e Educação Infantil - GPCIEI – E-mail: lisasholz@hotmail.com
Professora orientadora, Curso de Especialização em Educação Infantil² - E-mail: redrefreinet@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior intitulada Trajetórias, Memórias de Educadoras em Formação¹. Tomando como referência as narrativas escritas por educadoras buscamos a reflexão sobre a vivência e a re-criação do universo da infância nos patamares da lembrança individual e coletiva e, também, de vivências do tempo presente. A pesquisa tem como objetivos: - refletir sobre os debates em torno das culturas da infância; - levantar questões pertinentes às concepções de infância e criança. O material utilizado para a pesquisa tem origem em narrativas escritas, por cinquenta e nove educadoras, alunas do Curso de Especialização em Educação Infantil, da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Trabalhar com a memória dos educadores e educadoras, visualizando o processos de formação pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos na pesquisa, permite-nos ensaiar um método (auto) biográfico, no qual a história de vida é narrada na modalidade escrita e compartilhada através das leituras coletivas e dos debates. É nesta perspectiva que um dos momentos significativos deste trabalho, traz à tona as lembranças de momentos da infância e da relação das crianças com as famílias.

Nesse sentido, Portelli (1997, p.16) advertiu que:

A memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são- assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

Então, ao buscarmos as memórias das Infâncias e nelas as relações entre famílias e crianças, procuramos, também, estreitar os significados entre a instituição mais primitiva, sob a qual a sociedade tem destinado os cuidados à Infância, e a educação escolar formalizada.

¹ Pesquisa Coordenada pelo professor Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Tornar-se adulto é também deixar de cultivar histórias que nos ligaram aos universos infantis é, de certa forma, abandonar aquilo que nos ensinou a Infância. No nosso entendimento, tornar-se educadora da infância é compartilhar as memórias desses momentos e trazer à tona as velhas questões que nos faziam crianças e nos distinguiam dos universos adultos. O adultocentrismo é uma das características mais marcantes das propostas pedagógicas. Os programas, os planos governamentais de altas soluções sobre a Infância, trazem resoluções sobre a criança, não com as crianças. Isso não precisa ser recuperado, mas precisa ser construído nas escolas e em outros espaços educativos. A possibilidade de narrar suas histórias de vida, de trazer experiências que refletem comportamentos, padrões, valores, posturas, são os nossos primeiros saberes construídos sobre a docência e no caso das educadoras das infâncias são construções sobre a sua maneira de viver a criança que foi, e as representações sobre as crianças com as quais trabalha.

Quando nos colocamos a ouvir o outro, também nos colocamos a aprender com ele ou com elas (Freire, 1979), melhor dizendo quando se fala em educadoras da infância. As escolhas, as histórias vão se entrelaçando e constituindo uma espécie de mapa sobre as trajetórias que as educadoras tiveram em suas infâncias. A vivência de contar sua história de infância incorpora aí os elementos coletivos que realimentam a experiência que ilusoriamente, parecia ser apenas individual. (Freinet, 1975). As narrativas escritas² também têm espaço nas lembranças:

Olho para a minha história e vejo o álbum de fotos que sempre me acompanhou: meu primeiro banho, o batizado, a foto do jardim de infância e os meus quinze anos, quando pensei que minha infância iria desaparecer (...) nada disso aconteceu sem a presença constante de meus dois irmãos mais velhos. Foram eles que me ensinaram a criança que fui e a mulher que me tornei. (Fragmento memória da profª. A)

Todo o verão a gente ia pra praia. Num carro Brasília anos setenta atravessávamos o mundo que nos separava das aulas, dos castigos, das confusões com os vizinhos. Tudo parecia azul da cor do mar gelado, no qual nos banhávamos. Ter o pai, a mãe e as irmãs perto era muito bom. E a mãe com aquela barriga esperando outro bebê e a nossa curiosidade de criança apertava o coração. Quando as férias terminavam a gente voltava cheia de coisas pra contar e inventava muitas que nunca tinham acontecido. (Fragmento memória da profª. B)

Não fui criada pela minha família biológica. Fui, aos poucos, sendo criada por vários parentes. Só conheci uma família completa quando casei aos 19 anos e tive minhas duas filhas. Com elas aprendi a construir uma idéia diferente de família, pois não tínhamos avô, avó e tios biológicos. Todo o parentesco era meio agregado por outros laços. Mas concretizei com elas a vontade que

² Começamos o trabalho com uma escrita decorrente de uma tarefa: "Escrevam um Livro da Vida (Freinet, 1975; 1976) de suas lembranças mais marcantes da Infância. Transforme-o num presente, embrulhe e traga para nosso encontro."

tinha de construir um lar mais parecido com o dos outros. (Fragmento memória da prof^a. C)

4. CONCLUSÕES

Ainda na fase inicial de mapeamento dos dados coletados, temos como desafio trabalhar as questões da Infância articuladas com a representação que as educadoras têm de famílias, quando narram as suas experiências. Como a infância se constituiu historicamente como categoria social e cultural, quais as características do universo infantil contemporâneo e de como podemos reverter as nossas concepções da infância como um período áureo da vida, com características homogêneas, para infâncias plurais, contextualizadas num tempo e espaço. Sarmiento (2007, p.29), ao se referir à diversidade das concepções de infância no mesmo espaço cultural, salienta:

O estudo das concepções da infância deve, por isso, ter em conta os fatores de heterogeneidade que as geram, ainda que nem todas se equivalham, havendo sempre, num contexto espaço-temporal dado, uma (ou, por vezes, mais do que uma) que se torna dominante. O Estudo dessas concepções, sob a forma de imagens sociais da infância, torna-se indispensável para construir uma reflexividade fundante de um olhar não ofuscado pela luz que emana das concepções implícitas e tácitas sobre a infância.

Estão presentes aqui varias conformações de famílias. Não há um único modelo de infância e então podemos dizer também que não há um modelo único de família. Essas questões começam, aos poucos a aparecer nas narrativas e podem contribuir para uma leitura mais tolerante a respeito da vida de nossas crianças. Porque talvez uma de nossas maiores dificuldades em torno dos debates sobre as Infâncias reside na aceitação, por parte das educadoras, das mais diferentes formas de viver das crianças com as quais trabalham. Quando se fala ou se trabalha com famílias, faz-se necessário refletir sobre o que se entende sobre esta instituição social, pois, corre-se o risco de utilizar pré-conceitos ou noções estereotipadas produzidos pela ideologia capitalista e não a compreender adequadamente.

Segundo Ackmon (1989) a família é uma unidade de sobrevivência que tem por fim satisfazer as necessidades afetivas de seus membros, manter o equilíbrio entre autonomia e dependência, treinar social e sexualmente e levar o crescimento de cada membro, inclusive dos próprios pais. Para Mito,(1997 p.115), a família é um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um espaço de tempo mais ou menos longo e que se acham unidos ou não por laços consangüíneos. Tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros e se encontra dialeticamente articulada com a estrutura social na qual está inserida. A família é a composição de corações e mentes diretamente relacionada com as transformações históricas da sociedade. Embora distintos estes dois conceitos destacam a importância da família como protetora da criança e valorizam seu laços afetivos e a convivência entre seus membros o que, os situa em conformidade com a concepção de família contemplada na Constituição de 1988. Estamos no meio do caminho da pesquisa e ainda há muito o que trabalhar e aprender, conforme nos revelam os dados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

FREINET, C. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa Editorial Estampa Ltda., 1975.
_____ **O texto livre**. Lisboa, Dinalivros, 1976.

FREIRE, P. **Educação Como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FIGUEIREDO, M.X.B. e CAETANO, L. (org) **A Infância Dura a Vida Inteira**. .4 ed. Pelotas, Lia Raro Editora e Mídia, 2008.

FIGUEIREDO, M.X.B.; Rigo, L.C.. Memórias das Infâncias: no processo de formação das educadoras. In **Pensar a Prática**. Goiânia. Revista da UFG, n.11(1 4 12 2008.).

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: Ana Lúcia Goulart de Faria; Zeila de Brito Fabri; Patricia Dias Prado. (Org.). **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002, v. 1, p. 49-68.

JOSSO, M.. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MIOTO, Regina Célia Tomaso, Família e Serviço Social. Contribuições para o debate. São Paulo, **Serviço Social e Sociedade**, n.55, p.115 – 129, nov. 1997.

PINTO, M. SARMENTO, M. J. (Coords.). **As crianças** – Contextos e identidades. Braga Codex, Portugal: Bezerra, 1997.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo: Educ, nº 15, 1997.